

FAUSTINO

Faustino acordou esperançoso e ao mesmo tempo amargurado, aquele seria um dia decisivo, teria de conquistar Branquinha, aquela paixão que o cegava, o atormentava, que tornava impossível nela não pensar o dia todo, trabalhando ou descansando; mesmo dormindo.

Abriu pálpebras que complementaram a noite. Enxergou, na luz tibia da manhã que nascia, as mesmas paredes que confinavam também a si mesmo. Eram tábuas nodosas, faltantes alguns, válvulas de entrada de frio no inverno e calor no verão, mal-unidas por precárias mata-juntas, malcaçadas. Girou o corpo, movendo-se para sentar-se à beira da cama: os pés tocaram no chão e sentiu então o frio do piso, em barro socado, levemente úmido. Sair debaixo das cobertas, colchas de retalhos sobrepostas, provocou um somatório da sensação de seu corpo fora das cobertas, como o arrepio dos pés sobre o chão. Espreguiçou-se, levantando a cabeça; olhou, sem ver, a cumeeira expondo telhas de barro, que não conseguiam impedir os pingos, nas chuvas mais fortes.

Dormia com uma camiseta, igual à que sugava o suor do trabalho pesado, e com a cueca que trocava vez que outra na semana. Apesar do frio, dirigiu-se incontinenti para a peça dos fundos do chalé onde morava – a cozinha. Já havia água quente, aquecida por seu pai, que acordara bem antes e agora sorvia seu chimarrão. Trocaram ruídos, simulacros de saudação matutina, que foram arrematados com o comentário do velho sobre o frio daquele instante.

Faustino apanhou parte da água aquecida e levou-a para depositar numa bacia que repousava em seu quartinho. Lançou a água quente sobre uma porção existente de água fria, experimentando com a mão o equilíbrio térmico.

“Tá bom”, murmurou para si mesmo.

E começou um processo de catarse.

“Tenho de esfregar o rosto”, continuou em seu murmúrio. E foi friccionando, as palmas das mãos subindo e descendo em cada uma das faces, detendo-se, alternadamente, dedos flectidos, na testa, no nariz, bochechas e no cabelo. As mãos, frenéticas, iam e vinham, quando pensou em Baiate, o mulato. “Vou esfregar ‘té ficá claro como ele”. Ao mesmo tempo em que pensou isto sentiu raiva de si

mesmo. Concentrou-se na sua quase ablação: sua cor e aquilo que na pele se impregnava. Murmurou novamente: “os respingo’ na cabeça...” E prosseguiu furiosamente a massagear o couro cabeludo.

Além da água, operavam sua limpeza um pequeno naco de sabão, fruto artesanal da transformação de sódio, potássio e sebo animal em detergente sólido caseiro. Após muito friccionar, molhou o pescoço e buscou limpá-lo, primeiro com o sabão, em seguida com água juntada em concha por suas mãos. Em meio ao intenso labor de purgação, repetiu seu murmúrio sofrido: “os respingo’, no pescoço”.

Puxou a camisa-de-meia por sobre a cabeça, mostrando no movimento sua sólida musculatura torácica, de onde saíam membros bem formados e potentes. Passou a lavar as axilas em movimentos firmes que faziam espargir a água por seus braços e tórax. Desta feita, o murmúrio era mais que um lamento, fazia-se um resmungo: “os respingo’ entra’ no peito”. Deteve-se um tempo sem fim na purgação das axilas e do peito.

Removeu a bacia da bancada que lhe servia de aparador, depositando-a no chão. Sentando-se, sentiu nas nádegas o frio do zinco; lavou sua genitália, o ventre e as virilhas. Terminada esta parte, pôs-se de pé, dentro da bacia, e foi lavando com muito empenho as pernas e os pés. Não havia um espelho na peça, assim que agora podia bem ver, nas pernas, sua pele de tom negro-azul. Preto retinto, diziam alguns às suas costas. À medida em que esfregava cada perna, lamentava: “a pasta se esparrama pela calça, vaza o tecido e gruda na pele”.

Enfim, terminou o banho. Vestiu-se. Foi novamente para a cozinha, onde encontrou seu pai no mesmo lugar, sugando da mesma bomba, a beber o seu chimarrão. Olhou para o velho, como que em busca de resposta para a pergunta que não fez. Entretanto, simplória, ela veio: “Num adianta fio, o chero continua...”

Faustino sentiu vontade de voltar para o quartinho e banhar-se novamente. Mas ele mesmo sabia, não iria adiantar. A infusão de eucalipto, na busca de um forte odor – como o infundir da roupa usada, querendo a limpeza da roupa suja, ambas, trabalhos caseiros de sua mãe – talvez o ajudassem a enfrentar aquele lado de seu drama existencial.

Num impulso, voltou ao quarto e retirou toda a roupa – abluiu-se da cabeça aos pés, detendo-se com mais insistência no rosto, torso e nas pernas. Mas iria

vestir a mesma roupa. A da domingueira.

“Minhas perna’!” Disse, quase num soluço.

Compôs-se de novo, e retornou à cozinha.

“gora ‘tá melhor, meu fio”. Antecipou-se o velho.

Faustino sentou-se à mesa, exalava um estranho odor de eucalipto. Uma xícara de café com leite lhe foi posta à sua frente. Olhou ausente para a tênue fumaça que se elevava da bebida quente, e falou ou para seu pai ou para si mesmo: “Preciso saí desse emprego”.

Aceitando a fala como para si, o pai respondeu: “Num tem coisa meió que isso, fio; num prá nós”.

Faustino continuou com a cabeça baixa, e não pretendia acrescentar nada ao diálogo natimorto. Mas, pensou que seu pai tinha razão: não havia nada muito melhor do que aquilo. E contrapondo-se a seu fatalismo, pensou: “Eu tenho que tentá... tenho que procurá”.

Mas procurar o quê? Mal sabia ler. Juntar algumas letras e, devagar, formar certas palavras. Mal conseguia somar. Sua assinatura, no livro ponto da repartição, que cheirava mal com tudo naquele setor, era um hesitante garrancho. Faustino integrava um contingente, filhos dos libertos, cuja evolução praticável em relação a seus pais havia sido a possibilidade de conseguir empregos modestos em serviços públicos. A maioria de seus pais, no pós escravidão, não puderam cuidar de si mesmos, jogados no mundo como livres, mas sem qualquer tipo de apoio governamental. Ao contrário, foram postos à correr de plantações, agro-indústrias e residências onde haviam trabalhado quase desde seu nascimento. Não conseguiram, assim, cooperar em nada com o futuro de seus filhos, empilhados como eles em guetos, Brasil afora, sem serviços públicos, especialmente sem escolas.

Era quase meio-dia do domingo quando, finalmente disposto a conquistar Branquinha, encaminhou-se para o Mato.

Lá já estava sua paixão, que desabafava com uma amiga: “Ele cheira a...” A reticência era necessária em tempos púdicos como aqueles, no início do século vinte.

A amiga não pode deixar de rir gostosamente, na compreensão do que se

continha na reticência. E pôs veneno: “Dizem que o pessoal que trabalha no serviço dele não consegue nunca se livrar daquele cheiro. Tu já penso’, Branquinha, ele ‘tá todo caído pra teu lado? Vais te’ de compra’ litros de perfume...” Disse e gargalhou.

Branquinha reiterou à amiga que não tinha qualquer interesse em Faustino. E, mais: nem sabia o que o havia levado a pensar que nutria qualquer sentimento para com ele. “Eu gosto é do Baiate”. Disse para a amiga, arrematando: “Ele é bonito, apurado; sabe como é? – o cabelo, a pele, os olhos; parece branco – e tem um alto emprego na prefeitura”.

O círculo de amigas havia aumentado, e uma outra recém chegada, bem pretinha, desafeta de Branquinha, dirigiu-se com arrogância para a mulata clara:

“Teu cabungueiro, não chegou!?”.